Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 10 Nº 1 – Janeiro a Junho de 2013
ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p274

Resenha

O fio da meada

MELISSA BERGONSI
Universidade Federal de Santa Catarina – E-mail: melissa.bergonsi@uol.com.br
Jornalista e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (UFSC).

O livro "Perfil do Jornalista Brasileiro - Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012", dos pesquisadores e jornalistas Jaques Mick e Samuel Lima, publicado no início de maio de 2013, traz os resultados da maior pesquisa do gênero já realizada no país. Ao todo, foram contabilizadas 2.731 respostas, captadas em uma enquete em rede, de participação espontânea, entre os dias 25 de setembro e 18 de novembro de 2012. O parâmetro demográfico para contabilizar os questionários seguiu a distribuição regionalizada dos registros profissionais emitidos pelo Ministério do Trabalho. As respostas foram agrupadas por temas para traçar o cenário das características demográficas, políticas, gerais e específicas do trabalho jornalístico. Os pesquisadores também trataram os dados de modo a colocar uma lente de aumento permitindo enxergar claramente as características de trabalho dos jornalistas que atuam na mídia, em assessorias de imprensa ou funções jornalísticas fora da mídia e no ensino superior do jornalismo, como docentes.

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p274

De fato, nunca houve um álbum de retratos tão detalhado da profissão e dos seus profissionais capaz de alavancar um sem número de outras investigações sobre o jornalismo no Brasil.

A fotografia que abre este álbum mostra que o jornalismo brasileiro é feito majoritariamente por mulheres, jovens, brancas, solteiras, praticantes de alguma religião, que recebem até cinco salários mínimos e estão abaixo dos homens tanto no quesito salário, como posto hierárquico. Com 72% dos jornalistas se declarando brancos na pesquisa, vê-se que o total de negros na profissão é menos da metade dessa população no Brasil. Enquanto no Censo de 2010, 50,7% se declararam pardos ou pretos no país, como jornalistas, essa população é de apenas 23,7%. Apenas este primeiro cenário apresentado já é capaz de suscitar interessantes investigações acerca das questões de gênero e raça na profissão e como elas afetam as pautas nas redações.

O recorte das características políticas dos jornalistas brasileiros revela que apenas um a cada quatro profissionais é filiado a algum sindicato, dado que se contrapõe à taxa nacional onde quase 60% dos trabalhadores brasileiros possuem ligações com sindicatos de classe. Apesar de 43% dos jornalistas não filiados se mostrarem abertos a uma intervenção sindical, as respostas qualitativas colhidas pelos pesquisadores apontam para uma contrariedade à ideia de sindicalização e seu viés ideológico. Quanto à filiação a partidos políticos, os jornalistas brasileiros são quase unânimes: 92,2% não possuem filiação partidária e apenas 7,8% responderam que sim. Na linha ideológica, 49,1% se disse à esquerda (centro-esquerda, esquerda ou extrema), enquanto quase 30% afirmaram não possuir nenhuma linha ideológica política. Fato este que mostra a brusca substituição da geração de profissionais com alto nível de politização até meados da década de 80 nas redações brasileiras. Há ainda outro dado que merece atenção e complementa o cenário. Do total de jornalistas no país, 98,1% possuem formação superior e 91,7% destes específica em jornalismo. Entretanto, apenas 55,3% se declararam a favor da exigência do diploma para exercício da profissão. Ao se perceber os jornalistas afastados dos seus sindicatos, possuírem quase nenhum envolvimento político ou linha ideológica e apenas pouco mais da metade defender o

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p274

diploma, vê-se emergir o fio da meada para um estudo político sobre a precarização e exploração da profissão.

A cada cinco jornalistas no Brasil, um não possui registro profissional. Desse contingente, 20% está sem registro, quase 60% conseguem atuar na profissão. Já da parcela dos 80% devidamente registrados, 86,7% tem até 30 anos de idade e 81,2% estão em plena atuação. Dos que atuam na área, 66,3% tem um emprego ou fonte de renda na profissão. O restante possui mais de um trabalho na área. Não é de se assustar, então, que apenas 11,6% cumpra a jornada determinada por lei de até cinco horas. Entretanto, quase a metade, trabalha mais de oito horas por dia e 61% recebem até cinco salários mínimos. Apenas um quarto dos profissionais está na faixa de remuneração entre cinco e dez mínimos, enquanto 12% dos jornalistas ocupam a elite salarial recebendo entre 10 e 20 salários mínimos por mês. A questão de gênero volta a aparecer neste quesito. Mesmo maioria na profissão, as mulheres são minoria entre os profissionais que recebem mais de cinco salários no Brasil. Na linha da maior renda, vemos duas vezes mais o número de homens que mulheres.

Quanto à divisão das áreas de trabalho, 45,8% dos jornalistas brasileiros trabalham somente em mídia, enquanto 33,6% fora dela em assessorias de imprensa ou em funções tipicamente jornalísticas. O dado que contribui para o estudo dos questionamentos éticos das áreas de exercício da profissão e conflitos de interesse é que 12,2% dos respondentes da pesquisa alegaram trabalhar tanto na mídia quanto fora dela. Somente na docência, estão 4% dos profissionais e outros 4,4% acumulam a docência e trabalho na mídia.

O retrato dos jornalistas que trabalham em mídia (54,5% dos profissionais, mesmo que na sobreposição de áreas) é feito por 59% de contratados com carteira assinada e outros 26,8% em outros regimes. Aliás, o número de *freelancers* na mídia é duas vezes maior que fora dela. Apenas 3,8% dos jornalistas são empresários na área, o que comprova numérica e infelizmente a centralização da propriedade dos meios de comunicação no Brasil.

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p274

Quanto ao tipo de mídia, 63,9% dos jornalistas trabalham nos veículos tradicionais e também para o canal online. Não só a sobreposição das funções, mas também a exploração do trabalho ficam evidentes ao se saber que 76% dos jornalistas têm seu trabalho divulgado na totalidade ou maior parte também pela internet. Além disso, 9,6% alegaram acumular funções como a captação de imagens (foto e/ou vídeo). De qualquer maneira, 84% afirmaram que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a experiência profissional e outra parcela disse estar insatisfeita com a remuneração. Em linhas gerais, as mulheres se mostram menos satisfeitas em todos os quesitos e na faixa geral até 22 anos, apenas 26,1% disseram estar satisfeitos com seus salários.

Enquanto isso, fora da mídia, imperam ainda mais mulheres, mas os negros tem maior participação nesta área. Geralmente, os profissionais possuem taxas melhores de formação que os de mídia e 15% recebem incentivo à qualificação. Quatro a cada dez jornalistas é contratado com carteira assinada, principalmente como assessores de imprensa, com um terço em empresas ou órgãos públicos, outro terço em empresas específicas de comunicação ou assessoria e o restante no terceiro setor ou empresas privadas de outros fins. Três quartos destes profissionais trabalham em locais com até cinco jornalistas e tem seu trabalho divulgado inteira ou maior parte pelos canais online. E, em suma, mostram uma taxa de satisfação maior que seus colegas de mídia.

Já na docência a situação se mostra mais alvissareira, com exceção de que o número de brancos é ainda maior que nas outras áreas. Homens e mulheres estão em igualdade numérica, casados e na faixa dos 41 aos 64 anos de idade. Além disso, nove a cada dez professores fizeram graduação em Jornalismo e a maioria em instituições públicas federais. Possuem as maiores taxas salariais e de sindicalização, filiação partidária e atuação em organizações ou movimentos sociais. São os que mais defendem o diploma para o exercício da profissão e a criação de um órgão de regulamentação.

Os dados revelados pelo "Perfil do Jornalista Brasileiro" são no mínimo provocadores e inquietantes. Suscitam cruzamentos para estudos mais aprofundados sobre a identidade do profissional no país e os rumos do jornalismo. Tem, sem sombra

ISSNe 1984-6924 DOI: http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p274

de dúvida, um caráter estratégico para uma sociedade que deposita ainda elevados índices de confiança na imprensa, que ultrapassam os 40% aparecendo entre as cinco instituições mais confiáveis no Brasil, segundo pesquisa do Índice de Confiança na Justiça (ICJBrasil), produzido pela Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (Direito GV), todos os anos no país. Afinal, segurar o condão da defesa do interesse público obriga, no mínimo, a transparência e respostas para entender que problemas de gênero, raça, alienação política, precarização e exploração do trabalho - como ficam claros nesta pesquisa -, afetam sobremaneira a qualidade e confiabilidade no resultado da produção jornalística.

Referência Bibliográfica

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do Jornalista Brasileiro** – Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico. Florianópolis: Insular, 2013.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia**
estão disponíveis em http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a Licença CreativeCommons